O tratamento da variação lexical nos dicionários

Mônica Emmanuelle Ferreira de Carvalho
UFMG

INTRODUÇÃO

Em 2005, com a sanção da lei 11.161 (05/08/2005), pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, foi determinado que o ensino do espanhol deverá ser oferecido no Brasil, no prazo de cinco anos, obrigatoriamente nas escolas de ensino médio e opcionalmente nas escolas de ensino fundamental. Com essa decisão, o número de alunos que optam por aprender a língua espanhola nas escolas públicas, privadas e em cursos de línguas vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Aliado a esse incentivo, o espanhol é buscado também por estudantes brasileiros pela proximidade que existe entre as duas línguas, tanto no nível lingüístico (por se tratar de línguas irmãs, da mesma família românica), quanto no nível geográfico (pelo fato de o Brasil estar inserido na América Latina).

No Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG (Cenex) os estudantes que procuram os cursos de espanhol formam um público muito variado, geralmente, funcionários da própria universidade, alunos de outros cursos e jovens que querem aprender a língua por iniciativa própria. Os motivos dessa demanda são os mais diversos, há muitos estudantes que querem ampliar seus níveis culturais, os que têm admiração pelo idioma e sua cultura diversificada, existem outros que querem ter melhores qualificações para o mercado de trabalho, e ainda, há um grande número que deseja aprender o idioma para poder viajar para a Espanha e pelos países da América.

Nesse contexto, venho observando o processo de aprendizagem dos alunos, suas dificuldades, curiosidades e percepções por essa língua tão heterogênea. Percebi que um dos problemas freqüentes que os alunos apresentam é a compreensão de algumas palavras presentes em textos, filmes, músicas, livros provenientes de diversos países. Essas palavras que lhes causam estranhamento, na maioria das vezes, não estão presentes nos dicionários que eles usam, já que são, muitas vezes, palavras de outros países, que não a Espanha.

Tendo em vista a realidade na qual trabalho, a dificuldade que os alunos vêm apresentando durante as aulas, e a falta de uma reflexão mais profunda, no livro adotado, *Gente*, sobre a diversidade lingüística na língua espanhola, no presente trabalho analisarei em dicionários, a discussão que os autores trazem em suas obras sobre a variedade lexical nesse idioma e a presença/ausência de diferentes itens.

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO DE ELE

O espanhol, língua derivada do latim vulgar, originado na região de Castela, na península Ibérica, é a terceira língua com mais falantes no mundo, e língua oficial em 21 países, além disso, é falado em algumas comunidades lingüísticas como Estados Unidos e Filipinas.

Tendo em vista a grande extensão do território onde se fala o espanhol, não é de se estranhar a grande diversidade existente em torno dessa língua em diferentes campos, tanto no nível lexical como nos níveis fonético e morfossintático. Entre as causas dessa grande variedade destacam-se os fatores históricos (entre os quais podemos citar as correntes migratórias no século XIX), os fatores geográficos, a influência de outras línguas, e a própria variação interna, presente em todas as línguas humanas vivas.

A mudança lingüística é, certamente, um traço constante nas línguas, mas estas mantêm uma unidade com a sua própria história. Segundo Ferdinand de Saussure 2003, o signo é mutável e imutável ao mesmo tempo. Para ele, a língua é fruto de uma convenção social, é uma instituição herdada de gerações anteriores e não um contrato firmado entre os falantes no presente. Por outro lado, a mutabilidade do signo —e, portanto, da língua— está ligada à própria inconsciência que os falantes têm das leis que regem o sistema lingüístico, assim como à própria tensão existente entre a língua enquanto bem social e os atos de fala individuais, com seu caráter particular e transitório.

Sobre esse tema, Coseriu afirma que

> «[...] os falantes, em geral, não pretendem modificar a língua, mas apenas utilizá- la, fazê-la funcionar. Pois bem, a língua muda no funcionamento, o que quer dizer que a utilização da língua implica a sua renovação, a sua superação. A língua deve, pois, em certo sentido, conter os princípios da sua própria superação, da chamada «mudança lingüística». (Coseriu, 1982: 138)

Sabemos que a linguagem é um poderoso instrumento que nos permite dar sentido ao mundo. O homem desenvolveu a capacidade de relacionar palavras a conceitos, uma forma de registrar o conhecimento do universo. De acordo com Lenneberg (1975: 375 *apud* Biderman 1998: 91) «um léxico é como uma fotografia que congela o movimento». Assim, cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo. A não-equivalência semântica entre os signos lingüísticos de duas línguas ou mais é o exemplo mais expressivo de como cada língua traduz o universo de sua forma.

As convergências lingüísticas não constituem um problema quando se leva em consideração o caráter social da língua. Os dicionários, entretanto, com seu cará-

ter normativo de prescrever «o falar e o escrever bem», são refreadores dos processos de mudança lingüística. Para Coseriu:

> A descrição duma língua se pretende ser verdadeiramente adequada a seu objeto, deve apresentar a própria língua como sistema para criar, como sistema de produção, e não simplesmente como produto. Uma língua – o espanhol, por exemplo – é a soma das possibilidades do «falar espanhol», possibilidades que, em parte, já foram realizadas historicamente e, em parte, ainda estão por se realizar. Essas possibilidades são ao mesmo tempo sistemáticas e dinâmicas. Conseqüentemente, importa considerar uma língua antes como permanente «sistematização» do que como sistema fechado. (Coseriu, 1982: 23.)

Seguindo essa concepção, alguns trabalhos têm sido desenvolvidos relacionando língua e cultura orientados, sobretudo, pela Lexicologia e a Etnolingüística. No nível da língua estrangeira, alguns materiais didáticos já trazem a questão da diversidade da língua espanhola, ainda que de forma superficial, como conteúdo à parte do curso ou como meras curiosidades. No âmbito da Lexicografia, poucos dicionários monolíngües ou mesmo bilíngües tratam dessa diversidade. Algumas vezes as obras listam palavras sem mencionar o contexto ou a região em que são faladas. Há pouco tempo, alguns dicionários passaram a apresentar em seu *corpus* exemplos da língua falada com o objetivo de descrever a língua e não prescrever os seus usos.

Tendo conhecimento da diversidade existente em torno da língua espanhola, as Academias da América e Filipinas juntamente com a Academia Espanhola se uniram com o objetivo de manter a unidade básica dessa língua tão diversificada que é o espanhol.

UNIDADE NA DIVERSIDADE

O *Diccionario de la lengua española* foi publicado pela primeira vez em 1780 com a denominação *Diccionario de la lengua castellana reducido a un tomo para su más fácil uso*. Depois de quase três séculos sendo publicada pela RAE, no século XVIII, a obra que antes compreendia seis tomos, foi reduzida a um volume, um primeiro intento de adequação para o uso prático. Este *Diccionario de la lengua española* foi até pouco tempo obra exclusiva dos acadêmicos da RAE. Formada a Associação das Academias da Língua Espanhola se integraram também delegados americanos à Comissão Permanente. A RAE e a Associação das Academias da Língua Espanhola conscientes da grande diversidade que existe na língua em questão vêm discutindo projetos que têm como base a manutenção da unidade básica no idioma.

Cinco grandes dicionários já foram publicados até o momento: O *Diccionario de la lengua española* na 22.ª edição em 2001; o *Diccionario panhispánico*

de dudas (2004), o *Diccionario del estudiante* (2006), o *Diccionario práctico del estudiante (*2007) e o *Diccionario esencial de la lengua española* (2006). Hoje, a Comissão tem um projeto de elaboração de um dicionário acadêmico de americanismos. Segundo o site da *Asociación de Academias de la lengua española,* a publicação da obra está prevista para 2010. Neste momento, há 48 000 palavras redigidas ou em processo avançado de elaboração. No entanto, não será preciso esperar pela versão publicada em papel, em breve será possível consultar na Internet alguns materiais que vão sendo completados.

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NOS DICIONÁRIOS

Com relação à variação lingüística nos dicionários, podemos notar que há um grande esforço, por parte das Academias hispânicas, por não apenas reconhecer que há variedade na língua espanhola, mas também, por tratar essa questão em suas obras. A Comissão Permanente da *Asociación de Academias de la Lengua Española* estuda e analisa as propostas realizadas pelas Academias e aquelas que são aprovadas são inseridas diretamente ao dicionário.

Entretanto, geralmente, os alunos que estudam em cursos de línguas, mais especificamente, os alunos que analisei no Cenex, utilizam minidicionários de bolsos ou outros dicionários mais acessíveis. Nesse trabalho analiso três obras que são de preferências dos alunos: *Michaelis*: dicionário escolar espanhol: espanhol/português, português/espanhol, *Dicionário Larousse Ática Avançado*: espanhol/português, português/espanhol e *Señas*: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños.

Os itens lexicais selecionados foram retirados de um estudo feito por Alfredo Maceira Rodríguez sobre o espanhol da Espanha e o espanhol da América. Rodríguez divide o seu estudo em seis temas: fonética, elementos lexicais indígenas, voseo, diferenças semânticas e lexicais, inovações morfológicas e sintáticas, e o papiamento de Curaçao.

Como este trabalho diz respeito ao tratamento da variação lexical nos dicionários, selecionei alguns americanismos, de diferentes campos lexicais.

No campo da alimentação serão analisadas as palavras: arveja, ayote, camote, choclo, frutilla, papaya e poroto; no campo dos transportes as palavras: auto, camión e ómnibus e no campo dos animais, as palavras: caimán e chancho.

RESULTADOS

A seguir, apresento o resultado da análise feita:

arveja: No dicionário *Michaelis* esta lexia não é encontrada em espanhol/português. Na tradução feita do português para o espanhol, a encontramos na segunda

acepção, como variante da América Latina: [**erviha:** *sf* **1** guisante. **2** *AL* arveja]. No dicionário *Larousse* essa lexia é encontrada nas duas traduções como variante do Rio da Prata: [**ervilha:** *f* guisante *m Esp,* chícaro *m Mex,* arveja *f Andes* e *RP*]. No dicionário *Señas* ela não é encontrada.

ayote: Rodríguez menciona essa lexia como exclusivo do México e da América Central. O dicionário *Michaelis* não traz essa variante, porém, menciona outra variante da América Latina: [abóbora: *sf Bot* calabaza, *AL* zapallo]. No dicionário *Larousse* encontramos as variantes [**abóbora:** *f* calabaza, zapallo *m* ***Csur,*** ahuyama *f* ***Col*** *e* ***Ven***] porém, a lexia em questão não é encontrada. No dicionário *Señas* também não a encontramos.

camote: Rodríguez traz essa lexia como exclusivo do México e da América Central. No *Michaelis* encontramos essa lexia nas duas traduções como variante da América Latina. No *Larousse* a lexia é considerada variante dos Andes, da América central e do México. Essa lexia não está dicionarizada no *Señas*.

choclo: Rodríguez refere-se a essa lexia como um americanismo geral. No *Michaelis* a encontramos na segunda acepção como variante da América Latina. O dicionário *Larousse* define essa lexia como: [**choclo:** *m Andes, RP* espiga *f* de milho], na tradução português/espanhol a encontramos como equivalente a milho como variante do Rio da Prata. No *Señas* essa lexia não está dicionarizada.

frutilla: O dicionário *Michaelis* traz essa lexia como variante da América Latina na segunda acepção. No *Larousse* a encontramos como exclusiva da região dos Andes e Rio da Prata. Essa lexia não está dicionarizada no *Señas*.

papaya: Essa lexia é referida por Rodríguez como variante do México e América Central. No dicionário *Michaelis* ela é mencionada apenas na tradução do português/espanhol e não a trata como variante de alguma região: [**mamão:** *sm* mamón, papaya.]. No *Larousse* é traduzida como: [**papaya** *f* [fruta] papaia *f*] e na tradução do português/espanhol a encontramos em mamão: [**mamão:** *m* papaya, *f Esp, Méx* e *RP,* lechosa *f Ven*, fruta *f* bomba *Cuba*]. No *Señas* não encontramos essa lexia.

poroto: O dicionário *Michaelis* a define como variante do Cone Sul mas na tradução do português/espanhol essa lexia não é mencionada. No *Larousse* é definida como feijão roxinho exclusiva dos Andes e do Rio da Prata. No *Señas*, não a encontramos.

auto: Essa lexia aparece no *Michaelis* na quinta acepção referindo-se a automóvel. Em português/espanhol a encontramos em **carro** na primeira acepção: [**carro:** *sm* **1** automóvil, auto, coche]. No *Larousse* a encontramos como: [**auto:** *m* **1** *CSur* [vehículo] auto]. No dicionário *Señas* essa lexia é referida como sinônimo e abreviatura de **automóvil** traduzida como **carro.**

camión: Rodríguez traz essa lexia como variante do México e é equivalente a ônibus. Já a lexia **ómnibus** para o autor é uma americanismo de uso geral. No

Michaelis **camión** é traduzida como caminhão, e em português/espanhol a encontramos na segunda acepção como variante da América Latina: [ônibus: *sm* 1 ómnibus, autobus, autocar, bus. 2 *AL fam* guagua, colectivo, camión]. No dicionário *Larousse* a lexia **camión** é traduzida como caminhão na primeira acepção. Na segunda acepção ela é referida como variante da América Central e México significando ônibus. No dicionário *Señas* a lexia se refere a um veículo que se usa para cargas pesadas, traduzida como caminhão.

caimán: Para Rodríguez trata-se de um americanismo geral. No dicionário *Michaelis* a lexia não é encontrada em espanhol/português. Na tradução português/espanhol a encontramos como: [**jacaré** *sm* **1** caimán, yacaré, cocodrilo. **2** *AL* baba]. No *Larousse* **caimán** é traduzido como caimão. No dicionário *Señas* encontramos essa mesma tradução: caimão.

chancho: Para Rodríguez a lexia é um americanismo geral. No *Michaelis* é uma variante da América Latina, mas na tradução português/espanhol não se menciona se é variante. No *Larousse* a lexia é tratada como variante do espanhol latino-americano. A lexia **chancho** não está dicionarizada no *Señas*.

CONCLUSÃO

As línguas estão em constante mudança e a variação lexical é a que se percebe mais facilmente. O homem a todo o momento está categorizando e nomeando o seu universo. O valor social da linguagem associado ao tempo faz com que a língua esteja em constante mudança. A diversidade lingüística no espanhol, uma língua falada por mais de 350 milhões de pessoas, é notória.

Neste trabalho percebemos como essa variedade já é uma preocupação das Academias hispânicas e, de certa forma, os lexicógrafos, em geral já mencionam em suas obras essa diversidade. Porém, ainda há alguns problemas. Ao comparar as três obras em questão, há muita contradição. O dicionário *Michaelis* por exemplo, embora mencione que há variantes, essas são tratadas com generalizações, pertencentes a toda a América Latina enquanto que o dicionário Larousse especifica a qual região a variedade pertence. No *Señas*, notamos como grande parte dos americanismos não são sequer mencionados.

Essa pequena análise aqui apresentada podese estender a outros materiais de LE.

A discussão sobre a diversidade no espanhol nas salas de aula é um tema que não deve ser tratado de forma superficial ou como curiosidade, mas sim, de maneira inclusiva.

BIBLIOGRAFIA

Biderman, Maria Tereza Camargo, 1998, «Dimensões da palavra», in *Filologia e língua portuguesa,* São Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, n.º 2, p. 81-118.

Carvalho, Castelar de, 2003, *Para compreender Saussure,* Petrópolis, Vozes.

Coseriu, Eugenio, 1982, O homem e a sua linguagem, São Paulo, Universidade de São Paulo.

Martín Peres, E.; Sans Baulenas, 2004, *Nuevo Gente 3: curso de español para extranjeros,* Barcelona, Difusión.

Rodríguez, Afredo Maceira, «O espanhol da Espanha e o espanhol da América» disponível em <http://www.filologia.org.br/alfredo/espanholamericano.html>. Acesso em 12 mai 2008.

Dicionários:

Dicionário Larousse Ática Avançado: espanhol/português, português/espanhol, 2004.

Pereira, Helena Bonito Couto, 2002, Michaelis: dicionário escolar espanhol: espanhol/português, português/espanhol, Melhoramentos.

Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños, 2002, Universidade Alcalá de Henares.

Diccionario de la lengua española, 2001, Real Academia Española. Disponível também em <www.rae.es>.

Diccionario panhispánico de dudas, 2004, Real Academia Española. Disponível também em <www.rae.es>.

Diccionario del estudiante, 2006, Asociación de Academias de la Lengua Española. Diccionario práctico del estudiante, 2007, Asociación de Academias de la Lengua Española.

Diccionario esencial de la lengua española, 2006, Asociación de Academias de la Lengua Española.

Asociación de Academias de la Lengua Española: <http://asale.org/ASALE/asale.html>.